

Jardel Dias Cavalcanti

Dilúvio

Gerald Thomas



Galileu Edições

Jardel Dias Cavalcanti

Dilúvio

de Gerald Thomas



Galileu Edições

Londrina, 2019



FACEBOOK versículo 7: 1-23

Depois disse o GOOGLE a GERALD THOMAS:

Entra tu e toda a tua casa na arca, porque tenho visto que és justo diante de mim nesta geração.

Naquele mesmo dia se romperam todas as fontes do grande abismo, e as janelas dos céus se abriram.

E houve chuva de FAKE NEWS sobre a terra quarenta dias e quarenta noites.

E expirou toda a carne que se movia sobre a terra, tanto de ave como de gado e de feras, e de todo o réptil que se arrasta sobre a terra, e todo o homem.

Tudo o que tinha fôlego de espírito de vida em suas narinas, tudo o que havia em terra seca, morreu. Sob torrencial chuva, todos os guarda-chuvas se quebraram, ficando os homens sem proteção alguma.

Assim foi destruído todo o ser vivente que havia sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; e foram extintos da terra...



Cena de abertura de *Dilúvio*

DILÚVIO

de Gerald Thomas

“Foi assim que começou a Terceira Guerra Mundial. Ele pegou o iPhone e tuitou: *sad* [triste], *bad* [ruim], *fire* [fogo]. E nesse *fire*, leu-se *fakenews*. E, nesse *fakenews*, explodiu-se tudo.”

(Voz em *off* de Gerald Thomas na peça *Dilúvio*)

DILÚVIO

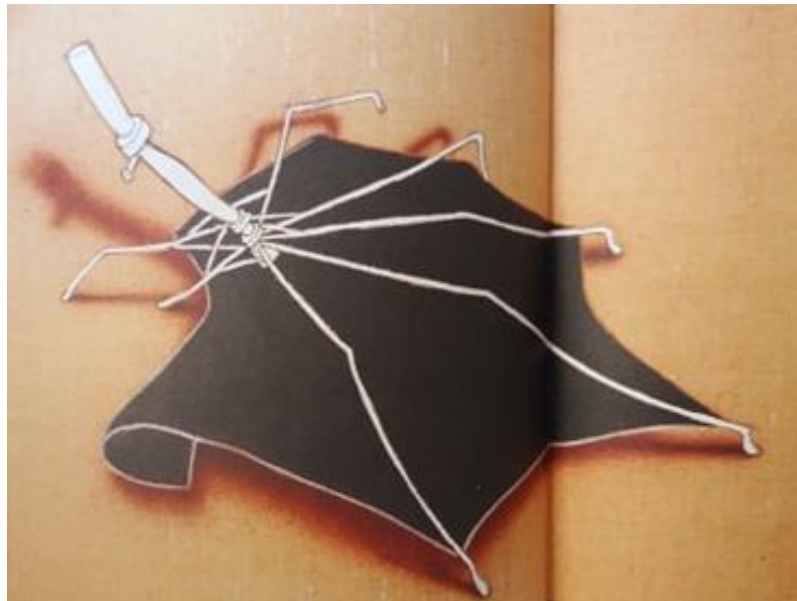
de Gerald Thomas

“... um mundo desprovido de magia, na qual precisamente as palavras estão destituídas de toda esperança e não oferecem a possibilidade de um exorcismo.” (Ronald Polito)¹

O cenário inicial - e final - da peça *Dilúvio*, de Gerald Thomas, apresenta uma paisagem solitária, com um amontoado de guarda-chuvas quebrados e contorcidos num ambiente esfumado. Uma espécie de caos após uma tempestade arrasadora. Antes que qualquer ator entre em cena, já estamos diante da imagem trágica do resultado de um dilúvio: aqueles guarda-chuvas que figuram em nossa mente como símbolo da proteção contra a tempestade, agora são apenas desolação e destruição. A sensação é de que não temos mais instrumentos para nos proteger. Não mais. Essa imagem pós-dilúvio é desconcertante e é com ela gravada em nossa mente que assistimos toda a peça.

¹- A frase de Ronald Polito foi retirada de sua apresentação da obra *Instante após o tempo*, do poeta catalão Carles Camps Mundó.

O guarda-chuva quebrado e abandonado - existindo como uma espécie de símbolo do desalento, do abandono, do imprestável e da desilusão em relação à humanidade - é uma constante na obra plástica de Gerald Thomas. E agora ele figura como personagem central em *Dilúvio*. Não poderia ter escolhido imagem melhor como metáfora de sua visão pessimista e tragicômica do mundo contemporâneo e do destino da humanidade.



Ressoando as palavras de Kafka, um dos autores prediletos de Gerald Thomas, podemos pensar no desalento que a figura do guarda-chuva quebrado nos traz a partir da

famosa afirmação do escritor Tcheco: “há esperança suficiente, esperança infinita – mas não para nós”.

Dessa imagem desoladora dos guarda-chuvas, passamos para outra mais perturbadora ainda: duas atrizes aparecem penduradas, com sangue (ou petróleo – UMA COISA FAZ JORRAR A OUTRA) escorrendo pelos seus corpos nus, colocadas sobre colunas gregas, que são o símbolo da Civilização Ocidental. O sacrifício humano em nome da crença no projeto da modernidade e da civilidade. Ao fundo, a arca do dilúvio, mais próxima de uma Caravela dos Conquistadores, completa a cena nos remetendo à história das conquistas e dominação – salvação e perdição do mundo que começou no Renascimento. Gerald Thomas cria uma imagem que vale por mil tratados sociológicos sobre o Ocidente.²

² - Não podemos deixar de pensar no alicerce intelectual de Gerald Thomas, que inclui, entre sua vasta lista de leituras, a obra de Sigmund Freud. O pai da psicanálise já denunciara em *Civilization and its Discontents* o preço que pagamos pelo projeto civilizatório, tornando-nos uma humanidade “descontente”, vivendo sob o impulso do instinto de morte, já que nem a religião e nem a ciência ofereceriam aos homens a libertação de sua infelicidade - esta gerada pela domesticação do animal humano através da autorrepressão de seus instintos. Segundo Freud: “O sentimento de felicidade originado da satisfação de um impulso selvagem, não domado pelo eu, é incomparavelmente mais intenso do que aquele que resulta da satisfação de um impulso domesticado. O caráter irresistível dos impulsos perversos, talvez a atração do proibido em geral, encontra aqui sua explicação.”

À frente da cena, se adiantando ao sacrifício das atrizes sobre as colunas, a presença desolada de outra atriz (Maria de Lima) que dispara improperios (queixas dirigidas à humanidade), diante de um oceanos de guarda-chuvas destróçados.

O pequeno facho de luz no centro da cena se apagará, afinal, aqui, a esperança é a primeira que morre.



“Me sinto a própria *Guernica* de Picasso, só que sem aquela fonte de luz, aquela solitária lâmpada que Picasso escolheu para iluminar a sua tragédia”.

(Gerald Thomas. *Nada prova nada!*)

Há uma síntese do que se disse acima em um dos desenhos de Gerald Thomas. Ele apresenta uma águia - símbolo do poder imperial desde sempre - pousada sobre uma coluna grega e, abaixo, um guarda-chuva segurado por um homem, guarda-chuva esse tomado por uma grande quantidade de sangue. Uma sequência de poder-destruição-morte numa única imagem.



Como numa montagem cinematográfica, em cenas seguintes a imagem do guarda-chuva já destruído retorna, agora na mão da atriz nua (Isabella Lemos) que luta contra uma ventania enfurecida, nos fazendo pensar na força de alguma tempestade infernal e dantesca que destruirá, em seguida, o guarda-chuva. Totalmente desprovida de proteção, por isso está nua, tenta avançar resistindo à tempestade dos tempos atuais. O resultado dessa luta inglória contra as tempestades do mundo (Gerald Thomas pensa através de metáforas), é a destruição do guarda-chuva e o desaparecimento da espécie humana – dada a solidão dos guarda-chuvas despedaçados no início e no fim da peça.





Gerald Thomas produz a sua obra através de imagens, sons, luzes, falas e performances corporais. Seu teatro é plástico, operístico, performático e, porque não, também, carregado de uma energia que vem da música minimalista ou do rock e da batida dos tambores da escola de samba. A presença do dramaturgo tocando tambor e baixo, marcando os tempos, o ritmo e a intensidade das cenas, diz muito da importância que a música tem no seu teatro. As referências que desaguam do seu inconsciente estético, sejam plásticos, musicais ou literários, passam pela convivência com criadores como Wagner, Schönberg, Phillip Glass, Stones, Beckett,

Artaud, Kantor, Kafka, Gertrude Stein, Godard, Eisentein, cinema expressionista alemão, com toda a vanguarda de artes plásticas, de Duchamp, Francis Bacon, Pop Art, *Performance* até o Minimalismo, no mínimo. A modernidade e sua desconstrução é o solo onde seus pés pisam. Não deixa de ser notável também a luz barroca rembrantiana, com fortes contrastes de claro-escuro, que potencializam as imagens de seu teatro, junto com a dramatizando ao extremo da expressão física dos atores, que aproxima seus gestos da *terribilità* de Michelângelo em *O Juízo Final*.

Tanto em Gerald Thomas - quanto em Michelângelo - vemos os danados, arrastados para o abismo dos tormentos pessoais, lembrando também as descrições de *O Inferno*, de Dante. O mesmo tormento que os artistas trágicos sofrem: desespero, remorso e terror de um aniquilamento físico e espiritual ou por se sensibilizarem diante da força colossal das destruições que a história já produziu ou pode vir a produzir.



Outro dado importa quando pensamos no teatro de Geral Thomas: sua atenta, aguda e crítica observação do mundo, em reflexões desconcertantes acerca do animal humano (suas crônicas em *Nada Prova Nada* refletem sua tensão e insatisfação diante das contradições do mundo).

Dilúvio me parece uma síntese criativa - ou um ir além - desse caldo estético citado acima, sem o qual não se pode falar em arte contemporânea. Gerald Thomas já reclamou do “excesso desconstrutivo” que atordoa a arte atual, sugerindo que estamos no momento de catar os cacos e criar um vitral novo a partir deles (ver sua participação no Café Filosófico com Contardo Calligaris). O dramaturgo está nesse momento

fazendo isso, não de forma regressiva. Com *Dilúvio* criou a possibilidade de lidarmos com os fragmentos, agora transformados num belíssimo mosaico, que não deixa de fora a rasteira que os bons artistas sempre nos dão.

E é esse mosaico que é construído em *Dilúvio*, através de belíssimas e trágicas imagens, guiadas por escolhas musicais arrepiantes e pelo desempenho notável de atrizes e performances, além de um texto “em ruína”, que faz de Gerald Thomas um dramaturgo renovador. A sensação a partir dessa obra impactante que é *Dilúvio* é que seu teatro está se revolucionando e apontando para o futuro.

Tempos atrás, o dramaturgo, “chamou de ópera-seca esse teatro feito de fragmentos sem unidade aparente, com abuso de procedimentos intertextuais que reuniam citações emprestadas de filósofos, artistas plásticos, escritores, cineastas e músicos, desconstruídas por mecanismos de deslocamento e estranhamento de sentido para compor uma cena híbrida.”³

Sua entrada na área de risco, a partir da criação de imagens metafóricas e simbólicas que possibilitam a criação

³ -FARIA, João Roberto (direção). *História do Teatro Brasileiro: do modernismo às tendências contemporâneas*. São Paulo SESC/Perspectiva, 2013. p.338.

de uma *obra aberta* (Umberto Eco), só é possível, no entanto, porque seu inconsciente estético foi fertilizado pelas referências dos artistas “inventores” (para usar um termo de Pound), como os acima citados.

Em *Dilúvio* as imagens paradoxais revelam o desgaste das existências consumidas no nosso tempo de horrores midiáticos à exaustão. Uma espécie de café da manhã com sangue nos acorda e atordoia. Diferente da famosa frase de Hegel, que dizia que para o homem moderno sua oração matinal era ler o jornal, atualmente as redes sociais e toda a imprensa, seja qual ela for, nos oferecem um circo de horrores e imbecilidades liquidificadas no nosso suco de laranja de todas as manhãs. Para além da simples informação, já em si deformada e sujeita à ideologia, pesa sobre nossos ombros as mentiras das *fake-news* atordoando qualquer ideia de veracidade dos fatos, nos confundindo e nos atolando num caos sem fim, com graves consequências políticas (como a eleição de Trump nos EUA e Bolsonaro no Brasil).

Gerald Thomas cria um teatro onde a base é o paradoxo das imagens – paradoxo do mundo: a busca pela beleza e pela poesia aparecem em *Dilúvio* e logo são corrompidas. Na performance da leveza das performances aéreas das atrizes

(Lisa Giobbi e Julia Wilkins), em sua delicada conjunção amorosa, flutuando como num balanço (que lembra a atmosfera de *O Balanço* de Fragonnard e cenas de Wim Wenders em *Asas do Desejo*), encena-se o amor possível e a harmonia da dança aérea é quem o revela. Até o momento do desacordo, na luta que as atrizes encenam em câmera lenta - como as imagens que vemos e revemos a todo momento na tela do computador e/ou celular, num círculo infernal e dantesco do qual não conseguimos sair. Uma espécie de metáfora do parapeito sadomasoquista perigoso no qual a humanidade entrou e não consegue - ou não deseja - encontrar a saída.

Aqui, como em outras cenas, podemos aproximar as terríveis imagens de Michelângelo, principalmente em *O Juízo Final*, com o teatro de Gerald Thomas (Haroldo de Campos também aproximou a arte contemporânea à vertigem do barroco em seus ensaios).

As duas imagens abaixo evocam a dramaticidade dos corpos e a vertigem da luta aérea, aproximando *Dilúvio* de *O Juízo Final*.



O paradoxo das imagens: dois corpos enlameados de sangue, numa cena brutal da ânsia sexual entre duas mulheres - “come o meu cu”, diz uma delas, desesperadamente-, onde o desejo explode, mas a frase “o meu pau não sobe mais” revela a impotência diante da oferta descartável de imagens eróticas e produção insana e aberrante de desejos.

A cena sexual retorna depois acontecendo sobre uma espécie de luminária-mesa-roda-duchampiana, referência às máquinas celibatárias de Duchamp ou ao surrealismo, com a ideia absurda do “encontro fortuito numa mesa de dissecação de uma máquina de costura e um guarda-chuva”. Sob a cena em que o casal fode - assistido por um outro ator, que está vestido com roupas sado-masô - a atriz Maria de Lima, em profundo desespero, pede por amor e que lhe tirem da solidão: “alguém me ame, por favor, alguém me ame!”. O claro retrato do mundo contemporâneo, onde todas as perversões podem ser satisfeitas e ao mesmo tempo não conseguem preencher a alma humana com algum sentido.

Há um desenho de Gerald Thomas, apresentado no catálogo da peça, que mostra o projeto da construção desse objeto, como se pode ver a seguir.



A importância da concepção plástica das imagens no teatro de Gerald Thomas aparece em *Dilúvio* através dos desenhos que são carregados e que passam como imagens de uma exposição diante dos olhos dos espectadores. São partes da peça, não apenas ilustrações, e tem seu uso conjugado na ideia tanto de uma “arte total” (onde se relacionam todos os gêneros artísticos), como na ideia do “caos total”, também cara a Gerald Thomas. Dessas imagens o sempre enigmático tubarão ferido e uma referência ao São Sebastião flechado – signos do espetáculo da violência e do horror que desfilam frente aos olhos dos espectadores. O museu de iniquidades.

A peça se encerra com a fala em tom comovente da atriz Maria de Lima, que está num cenário de absoluta desolação, dizendo: “eu até poderia achar algo positivo nisso tudo” – palavras que ressoam a frase dita anteriormente, invocando Beckett, um dos mestres da consciência tragicômica de Gerald Thomas – “Você conhece o mundo maravilhoso e, claro, sombrio e, ainda, melancólico e, porque não dizer, um tanto cinzento, de Samuel Beckett?” Ou também outra frase que aparece na peça: “A esperança era a última de suas esperanças.” A última frase de *Dilúvio*, “Vai continuar havendo vida. Sim. Vida!”... é dita ao som de metralhadoras.



Sobre sua condição de criador, dentro desse universo aterrador, diz Gerald Thomas: “Eu me vejo, como autor, numa terra perdida, sozinho, depois de uma guerra nuclear, com um balde de pipoca na mão. É o sinal da minha sobrevivência”.

No entanto, não apenas espectador dos horrores, mas abrindo aqui e ali uma porta para a crítica, como na cena dos atores correndo ao som de tiros de metralhadora e bombas, essa música atordoante que ressoa junto aos gritos dos apavorados, dos inconformados que protestam. Essa corrida é feita entre pedaços de corpos humanos abandonados no chão do palco. Em seguida, sobre essa cena aparece a águia levando um cadáver – mais um dos milhares de mortos

produzidos pelo financiamento de ditaduras pelo imperialismo. O que se segue é o som do tamborim e da cuíca e a figura traveca da atriz Maria de Lima, bêbada, indiferente aos cadáveres, representando, talvez, a conformidade de nosso país frente à violência, adocicada na ilusão do carnaval. É Gerald Thomas revelando “os pontos cegos da realidade”.

Um dos momentos da peça onde a sensação de desolação se apresenta mais forte é quando a atriz Maria de Lima está aguando os guarda-chuvas destroçados, numa tentativa inútil de fazer brotar a flor da esperança no meio daquele caos de formas contorcidas. Nesse deserto, a esperança do nascimento de uma flor é nula. Fim aqui, para tudo.

O mundo da crise tem que produzir um teatro da crise. Contra a mediana visão de um mundo crasso e de classe média, *Dilúvio* apresenta uma narrativa descontínua, com fragmentos autônomos, subterraneamente entrelaçados, mesmo que livres das exigências do argumento, permitindo ao diretor trabalhar a história passada e recente. Um teatro inconclusivo e atordoante. Aqui qualquer totalidade seria fraude. O que Gerald Thomas quer, não é impressionar ou alienar o espectador, mas atraí-lo por provocações,

deslocamentos de expectativas, para uma espécie de precipício, um limiar de perigo e tensão, uma experiência arriscada, prenhe de desastre e risco persistente, ainda que no espaço controlado da sala de teatro.

Segundo observação de Silvia Fernandes, “Thomas não postula a fusão de diversos elementos de cena, aplainando as diferenças e combinando-os para construir um sentido unitário e comum, como na *gesamtkunstwerk* wagneriana, com seu pressuposto de síntese das artes. Agora os elementos diversos utilizados no palco agiam de forma independente, como se o encenador renunciasse a organizar uma unidade de sentido, e transformasse o espetáculo em uma polifonia significativa aberta ao espectador”.⁴

“Teatro é Risco!!!” diz o Dramaturgo. Não apenas risco na forma do que se apresenta, mas na maneira como ele é gerado/criado. Sabemos que uma peça não existe *a priori* na cabeça de Gerald Thomas. *Work in progress*, eis o lema da arte moderna e da direção e criação do autor de *Dilúvio*. Nisso, Gerald Thomas é um mestre! E pode haver alguma arte hoje se se estiver aquém disso?

⁴ - In: FERNANDES, Silvia. *Teatralidades Contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2013. P. 6.

A peça *Dilúvio* foi apresentada no Sesc Consolação, em São Paulo, entre os dias 11 e 17 de dezembro de 2017.

AUTOR E DIRETOR:

Gerald Thomas

COREÓGRAFA ASSOCIADA

Julia Wilkins

ELENCO:

Maria de Lima, Julia Wilkins, Lisa Giobbi, Ana Gabi, Beatrice Sayd, Isabella Lemos, André Bortolanza.

PERFORMANCE AÉREA

Lisa Giobbi

Julia Wilkins

DESENHO DE LUZ

Wagner Pinto

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

André Bortolanza

REFERÊNCIAS

BORTOLANZA, André. “Dentro do Dilúvio”. In: *Dilúvio*. Folder da peça. São Paulo: SESC, 2017. P. 13-19.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar da cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

FARIA, João Roberto (direção). *História do teatro brasileiro: do modernismo às tendências contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva/SESC, 2013.

FERNANDES, Silvia e GUINSBURG J. (orgs.). *Um encenador de si mesmo: Gerald Thomas*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

FERNANDES, Silvia. *Memória e invenção: Gerald Thomas em cena*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 1996.

FERNANDES, Silvia. “Hibridismo e multimídia nas encenações de Gerald Thomas”. In: *Teatralidades contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2013. p.3-13.

THOMAS, Gerald. *Nada prova nada*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

THOMAS, Gerald. *Entre duas fileiras*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

THOMAS, Gerald. *Arranhando a superfície*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

O que Gerald Thomas quer, não é impressionar ou alienar o espectador, mas atraí-lo através de provocações, deslocamentos de expectativas, para uma espécie de precipício, um limiar de perigo e tensão, uma experiência arriscada, prenhe de desastre e risco persistente, ainda que no espaço controlado da sala de teatro.

Edição produzida por
Jardel Dias Cavalcanti
para Galileu Edições
Londrina, 2019.



O dramaturgo Gerald Thomas